

FILMES DE ANIMAÇÃO PRODUZIDOS COM CRIANÇAS: múltiplos pensamentos no trabalho coletivo e colaborativo

Constantina Xavier Filha¹

Resumo

O cinema é um dispositivo poderoso e capaz de possibilitar a descoberta e o conhecimento de si, das outras pessoas e de inventar outros mundos, de nos ver de diferentes pontos de vistas e, sobretudo, de nos fazer pensar o que somos, o que fizeram de nós e o que queremos/podemos ser. O presente texto tem por objetivo pensar sobre a potencialidade do cinema a partir de produções coletivas realizadas com crianças em projetos realizados no Brasil e em Portugal. Trata-se de pesquisa em andamento, para a qual se entrevistaram professoras/es-cineastas dos dois países, buscando coletar, discutir e problematizar suas narrativas sobre encontros com o cinema na produção de filmes de animação com crianças. Neste texto, tem-se buscado, mais especificamente, selecionar e analisar dois filmes de animação produzidos com as crianças nas experiências de projetos, um deles realizado por um cineasta-professor português, e outro, de minha experiência de produção com as crianças. O artigo se propõe algumas problematizações em torno das semelhanças e diferenças que se podem observar nas produções de um e outro país. Na análise dos filmes, atentou-se para a riqueza de argumentos das crianças, para a eficiência do pensamento gerado nas produções audiovisuais e para a repercussão do tema seja junto ao grupo, como coletividade, seja sobre cada um, como individualidade.

Palavras-chave: artefatos culturais; cinema e educação; direitos humanos; cinema de animação.

ANIMATION FILMS PRODUCED WITH CHILDREN: multiple thoughts in collective and collaborative work

Abstract

¹ Professora Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-Graduação em Educação PPGEDU-UFMS. Possui doutorado em Educação pela FEUSP, mestrado em educação pela UFMS e pós-doutorados, um pela UNICAMP e outro pela UNIRIO. Desenvolve pesquisas nas áreas de Gênero, Sexualidades e Direitos Humanos de crianças. Desde o ano de 2010 desenvolve projetos de pesquisa e extensão em escolas públicas municipais de Campo Grande/MS produzindo coletivamente filmes de animação com crianças da primeira etapa do Ensino Fundamental. É líder-coordenadora do GEPSEX - Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades, Educação e Gênero. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0592180860075151> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7431-5123> E-mail: tinaxav@gmail.com

Cinema is a powerful device capable of enabling discovery and knowledge of oneself, of other people and of inventing other worlds, of seeing ourselves from different points of view and, above all, of making us think about who we are, what they have done. of us and what we want/can be. This text aims to think about the potential of cinema based on collective productions carried out with children in projects carried out in Brazil and Portugal. This is ongoing research, for which teachers/filmmakers from both countries were interviewed, seeking to collect, discuss and problematize their narratives about encounters with cinema in the production of animated films with children. In this text, we have sought, more specifically, to select and analyze two animated films produced with children in project experiences, one of them made by a Portuguese filmmaker-teacher, and the other, from my production experience with children. The article proposes some problematizations around the similarities and differences that can be observed in the productions of one country and another. When analyzing the films, attention was paid to the richness of the children's arguments, to the efficiency of the thought generated in the audiovisual productions and to the repercussion of the theme, whether within the group, as a collective, or on each individual, as an individual.

Keywords: cultural artifacts; cinema and education; human rights; animated movie.

CINE DE ANIMACIÓN PRODUCIDO CON NIÑOS/AS: múltiples pensamientos sobre el trabajo colectivo y colaborativo

Resumen

El cine es un poderoso dispositivo capaz de permitir el descubrimiento y el conocimiento de uno mismo, de los demás e inventar otros mundos, de vernos desde diferentes puntos de vista y, sobre todo, de hacernos pensar quiénes somos, qué han hecho ellos. de nosotros y lo que queremos/podemos ser. Este texto tiene como objetivo pensar en el potencial del cine a partir de producciones colectivas realizadas con niños en proyectos realizados en Brasil y Portugal. Se trata de una investigación en curso, para la cual se entrevistó a docentes/cineastas de ambos países, buscando recopilar, discutir y problematizar sus narrativas sobre encuentros con el cine en la producción de películas animadas con niños. En este texto hemos buscado, más concretamente, seleccionar y analizar dos películas de animación producidas con niños en experiencias de proyecto, una de ellas realizada por un cineasta-docente portugués, y la otra, desde mi experiencia de producción con niños. El artículo propone algunas problematizaciones en torno a las similitudes y diferencias que se pueden observar en las producciones de un país y otro. Al analizar las películas se prestó atención a la riqueza de los argumentos de los niños, a la eficacia del pensamiento generado en las producciones audiovisuales y a la repercusión del tema, ya sea dentro del grupo, como colectivo, o en cada individuo, como un individuo.

Palabras clave: artefactos culturales; cine y educación; derechos humanos; cine animado.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

[...] um cinema que ‘educa’ é aquele que (nos) faz pensar - e que (nos) faz pensar não somente sobre o cinema em si mesmo, mas, igualmente, sobre ‘as mais variadas experiências e questões que ele coloca em foco’. (Xavier, 2008, p. 14)

Ismail Xavier (2008) nos convoca a refletir sobre o cinema que educa na medida em que nos leva a pensar. O ato do pensamento vai além do próprio filme. Instiga possibilidades de pensar sobre nossas vidas, sobre a vida das outras pessoas, sobre formas de experienciar novos jeitos de viver, de provocar questionamentos que promovem a construção de subjetividades. O cinema é um dispositivo poderoso e capaz de possibilitar a descoberta e o conhecimento de si, das outras pessoas e a invenção de outros mundos, de nos ver de diferentes pontos de vista e, sobretudo, de nos fazer pensar o que somos, o que fizeram de nós e o que queremos/podemos ser. É sobre essas possibilidades que pretendo discorrer ao longo deste artigo, dialogando especialmente com experiências de quem produz filmes de animação com crianças.

O principal objetivo do presente texto é apresentar e problematizar informações produzidas em pesquisa em andamento para a qual se entrevistaram professoras/es-cineastas do Brasil e de Portugal, que desenvolvem ações educativas e/ou projetos em escolas públicas com vistas a produzir filmes com crianças, buscando coletar, discutir e problematizar suas narrativas sobre encontros com o cinema, na produção de filmes de animação com crianças. Neste texto, mais especificamente, pretendo selecionar e analisar dois filmes de animação produzidos com as crianças nas experiências dos projetos realizados pelos sujeitos da pesquisa e, ao mesmo tempo, apresentar e discutir minha própria prática de produção com as crianças.

Outro objetivo é pensar sobre a potencialidade do cinema a partir de produções coletivas realizadas, enfatizando as narrativas de um dos

entrevistados e a análise de filme produzido. Na análise fílmica, destaquei as seguintes problematizações: Que semelhanças e que diferenças se podem observar nas produções realizadas nos dois países? Que temas foram escolhidos, como o roteiro foi escrito e como a história audiovisual é contada?

Os pensamentos viram arte: possibilidades de fazer cinema com crianças

“Os pensamentos viraram arte. [...] Mais legal mesmo foram as nossas risadas, nossas brincadeiras”.
(Paulo², 6º ano, 12 anos, turma de 2012)

Dentre as muitas possibilidades da produção de filmes com crianças, destacam-se a produção de pensamento e as muitas formas de pensar, além da construção da sensibilidade estética, realizada pela interação com o cinema como arte.

A frase da epígrafe, proferida por um adolescente que participou do projeto que coordeno desde o ano de 2010 em escolas públicas de produção de filmes, parece muito significativa. Segundo ele, as atividades educativas e lúdicas do projeto propiciaram que os pensamentos virassem arte na produção do filme. E foi além, ao argumentar que a possibilidade de produzir arte ocorreu em meio a risadas, brincadeiras e ludicidade. Urge destacar que sua frase foi capaz de sintetizar os principais princípios éticos e estético-metodológicos de todo o projeto. Esses aspectos também foram evidenciados em outros projetos selecionados e analisados na pesquisa em andamento, denominada: “Fazer cinema brincando: encontros-experiências, subjetivação, ética e estética ao produzir filmes de animação com crianças no Brasil e em Portugal”.

A pesquisa tem o propósito de retomar e ampliar as discussões de pesquisas realizadas em dois estágios de pós-doutorado na Pós-Graduação em Educação: o primeiro, pela Unicamp (2014-2015) e o segundo, pela Unirio (2019-2020). A investigação pretende dar continuidade especialmente à segunda

² Nome fictício devido a princípios éticos da pesquisa.

investigação para pensar os encontros-experiências com o cinema enquanto arte e, com as crianças, ao produzir filmes de animação, no Brasil e em Portugal. A pesquisa tem por fonte as narrativas de professoras/es-cineastas brasileiras/os e portuguesas/os sobre experiências de encontros com o cinema na produção de filmes de animação com crianças e os filmes produzidos com elas. Pretende-se questionar como tais profissionais (res)significam suas experiências de encontro com o cinema enquanto arte e, sobretudo, na produção de filmes de animação com crianças. Indaga-se quais foram seus encontros com o cinema; quais os desafios e as possibilidades enfrentados nos processos dessas produções; que semelhanças e diferenças são apresentadas nas narrativas das experiências vividas na realidade brasileira e na portuguesa.

Propósitos gerais do estudo são os de coletar, discutir e aprofundar tais narrativas, buscando evidenciar proximidades e distanciamentos entre as experiências vividas e realizadas nos dois países. Além dessas ponderações, pretendemos analisar filmes produzidos para entender como os marcadores sociais da diferença estão presentes, mais especificamente, os marcadores de gênero e sexualidade. Neste artigo, pretendo analisar parte da experiência de um dos entrevistados portugueses e a que realizo com crianças em projetos de extensão na cidade de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul.

Nas duas realidades analisadas - no Brasil e em Portugal -, os projetos apresentam similaridades nos princípios de acordo com o qual a produção de filmes de animação com as crianças promove possibilidades de múltiplos pensamentos no encontro do cinema como arte e isso se dá com a adoção de pressupostos metodológicos lúdicos e brincantes.

Em Portugal, o projeto é desenvolvido por profissional da área do cinema e das artes plásticas em escolas públicas. A instituição promotora, denominada Anilupa, é um Centro Lúdico da Imagem Animada, uma instituição lúdica, educativa e cultural que integra a Associação de Ludotecas do Porto, Portugal. A instituição atua há 33 anos na produção de filmes de animação com públicos de crianças, adolescentes e pessoas adultas da cidade e da região. Tem por

principal objetivo integrar pessoas na realização das suas obras cinematográficas, criando situações de igualdade na participação dessas atividades. Desenvolve dinâmicas que desencadearam a realização de vários projetos multidisciplinares e intergeracionais, com diversas instituições educativas, culturais e sociais, envolvendo grupos de participantes dos mais variados contextos, faixas etárias e realidades socioculturais. A instituição conta com mais de 240 filmes, a maioria deles produzida com crianças em escolas públicas portuguesas.

A realização de curtas-metragens através de processos educativos que envolvem crianças e adolescentes contemplam a implicação ativa dos grupos envolvidos, desde a primeira à última fase do processo: criação de argumento, realização do *storyboard*, construção de cenografia e personagens, filmagens e sonorização. Todos esses processos são realizados com as crianças na escola. O profissional português vai à escola e realiza as ações de produção dos filmes desde a ideia inicial até o planejamento da edição do filme. Depois disso, ocorre a estreia da obra cinematográfica na escola e em outro local - como cinema ou outro espaço público - com vistas à apreciação e à fruição do filme pelas crianças, pelos professores/as, familiares das crianças e público da sociedade local.

Nossa experiência no Brasil também obedece aos pressupostos do projeto português. Realizamos projetos de extensão em escolas desde o ano de 2010. A cada ano, escolhemos uma nova turma para a realização das ações na escola. Vamos à escola e lá temos encontros semanais com a turma. A partir daí, desenvolvemos todas as etapas da produção cinematográfica: da ideia, passamos para a produção do roteiro, para a produção do filme de animação até o planejamento de sua edição, etapa em que as crianças somente participam dando sugestões de montagem. Posteriormente, ao final do projeto, ocorre a socialização do filme, em evento programado para a escola e na universidade.

Denominei a primeira etapa do nosso projeto denominado Brincar de Fazer Cinema com Crianças de “*brincar de pensar em si e no mundo*”. Consiste em saber o que as crianças sabem sobre o tema escolhido. Várias metodologias são desenvolvidas, seja a roda de conversa, a elaboração de pequenos textos e desenhos, a produção de pequenas histórias individuais ou coletivas. Busca-se sobretudo destacar as falas e os saberes das crianças.

O momento subsequente é o da *problematização* dos temas. O exercício do pensamento é amplamente acionado. Sabemos que pensar não é algo inato na vida dos sujeitos, pois não nascemos pensando, mas aprendemos a pensar. Gallo assegura que o pensamento é “produzido, fabricado, inventado” (Gallo, 2012, p. 108). Aprendemos a pensar, ainda segundo o mesmo autor, inventando nossas próprias maneiras de nos relacionar com os signos do pensamento. A partir dos conceitos deleuzianos, o autor escreve que o “pensar é experimentar o incômodo do desconhecido, do ainda-não pensado e construir algo que nos possibilite enfrentar o problema que nos fez pensar” (Gallo, 2012, p. 72). Essa etapa no projeto foi denominada de “*fazer cinema brincando*”. As crianças participam de todo o processo de pré-produção, produção e planejamento da pós-produção com ideias para a edição dos filmes. Finalmente, a última etapa é a de “*ver e pensar o filme*”. Este é o momento de socializar o filme produzido coletivamente entre pessoas adultas e crianças.

Adotamos como prática dispor as crianças em uma mesa-redonda para falarem sobre o processo de produção do filme na universidade e também quando o exibimos na escola para os/as outros/as alunos/as e familiares. Tais encontros constituíram momentos de acolhimento, de partilha, de novos questionamentos, de ver a obra pronta e também de prospectar novos sonhos, novas ideias, novas formas de produzir com e para as crianças.

As ações realizadas nos projetos nos dois países partem do pressuposto de que a criança/adolescente é um sujeito ativo, produtor de cultura e ávido por atividades lúdicas que envolvem a arte do cinema. A criança já foi pensada no passado como um ser ‘sem fala’ e, daí, ‘sem pensamento’. Percebemos, nas

ações escolhidas por ambos os projetos, formas diferentes de pensar a criança e de ela própria exercitar e construir o pensamento e ações como sujeito ativo e em condições de pensar e argumentar sobre assuntos que lhe dizem respeito. Isto só foi possível por haveremos reservado espaços para escutar as crianças, para as instigar a pensar e, posteriormente, para fazermos arte ao produzir filmes com elas.

As ações realizadas compartilham o princípio de que elas não são sujeitos passivos diante do cinema. “No ato de ver e assimilar um filme, o público o transforma e interpreta, em função de suas vivências, inquietações, aspirações, etc.” (Bernardet, 2012, p. 84). Rosália Duarte também analisa esta questão afirmando que “[...] o olhar do espectador nunca é neutro, nem vazio de significados. Ao contrário, esse olhar é permanentemente informado e dirigido pelas práticas, valores e normas da cultura na qual ele está imerso” (Duarte, 2002, p. 67). As ações desenvolvidas nos projetos visaram a aprender junto com as crianças à medida que se destacam atividades individuais e coletivas de construção de pensamento entre crianças e pessoas adultas. As crianças não nascem sabendo pensar. Isto se vai construindo à medida que lhes são propiciados espaços para que o pensamento se construa em interação com momentos de diálogo e de fruição de filmes e de sua produção na relação dialógica e lúdica entre pessoas adultas e crianças.

A provocação do pensamento se faz presente em todo o processo de produção dos filmes com as crianças, desde a apresentação das ideias, do argumento, da escrita do roteiro, da forma de pensar as ideias em imagens em movimento e em sons. Este é um exercício da própria filosofia: o exercício ou a experiência de pensamento. A atividade filosófica, pergunta-se Foucault, não é o “trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente, como legitimar o que já se sabe?” (Foucault, 2014, p. 14). Filosofia, para o autor, é uma ascese, um exercício de si no pensamento.

As crianças, ao verem filmes e deles fruïrem, também são convidadas a produzir esse tipo de linguagem cinematográfica. Com isso, exercem a capacidade de pensar e também de perguntar, questionar e questionar-se, promovendo formas de ser e de se subjetivar.

Nos projetos dos dois países, a linguagem do cinema de animação foi escolhida por ser capaz de dialogar com a imaginação e a ludicidade da criança. Como já escrevi há alguns anos, os filmes de animação são formas de contar histórias no cinema que nos levam para mundos mágicos, fantásticos, inimagináveis..., ou:

Animação é criação; é dar vida a algo que antes nem sequer existia. Um botão pode virar um menino; uma xícara vira uma princesa; um copo vira dragão; uma massinha vira um monstro. Animar é dar vida a qualquer coisa como objetos, desenhos, bonecas, massinhas. No cinema de animação, tudo é possível para inventar o que quisermos; nossa imaginação voa (Xavier, 2014, p. 9).

O cinema de animação foi o escolhido nos projetos. Animar é dar vida a algo inanimado. Esse processo envolve a imaginação, a criatividade e a produção de formas de pensar. As crianças consomem a linguagem cinematográfica sem por vezes pensar sobre ela, sem experienciar o questionamento diante da avalanche de imagens e sons que habitam o nosso cotidiano. A experiência de visionar filmes, e sobretudo de os produzir, instiga não só a criatividade, mas também novas e múltiplas formas de pensar sobre técnicas cinematográficas e seus conteúdos.

A seguir, continuamos a pensar sobre os pressupostos da construção das formas de pensamento ao analisar dois filmes produzidos com as crianças.

Filmes de animação com crianças: realidades do projeto português e brasileiro

“Foi muito especial, pensamos muito. É bom porque o filme é de todos!”

(Laura, 12 anos, 6º A, turma de 2013)

Laura, que participou do nosso projeto de produção de filmes, nos chama a atenção sobre dois aspectos que consideramos de grande importância: a produção de pensamento e a experiência coletiva de fazer filmes.

Sobre a produção de pensamento, aspecto já anteriormente abordado, mais uma vez aqui saliento sua importância para a constituição de subjetividades. O exercício de pensamento no projeto se constitui não somente de um ato solitário, mas, sobretudo, de pensamentos coletivos através dos quais as crianças puderam pensar em si como sujeitos éticos e estéticos.

A elaboração do trabalho ético, como diz Foucault, que se efetua sobre si mesmo, ocorre “não somente para tornar seu próprio comportamento conforme a uma regra dada, mas também para tentar transformar a si mesmo” (2014, p. 34). A partir de muitas das atividades propostas pelos projetos, as crianças puderam, brincando, fazer a experiência, segundo Foucault, de “tomar a si próprias objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se” (2014, p. 48). O trabalho ético, para o filósofo, ocorre ao estabelecer relações para consigo, a “estabelecer relações de si para consigo” (2014, p. 49), e também para se ocupar consigo mesmo. Este trabalho não é solitário e egoísta. O cuidado de si, continua o filósofo, não é um exercício de solidão: “Não constitui um exercício de solidão, mas uma verdadeira prática social” (1985, p. 57). O cuidado de si está em relação direta com o pensamento e a ação sobre si e sobre o outro.

Todas as discussões sobre produção de pensamentos descritas até aqui nos fazem refletir também sobre o processo de pensamento bem como o aprendizado da linguagem cinematográfica. Essas experiências ocorrem tanto nos aspectos filosóficos quanto nas técnicas de conhecimento da linguagem cinematográfica do cinema de animação, passando pelos conhecimentos das artes visuais e dos saberes sobre o cinema como um todo, como nos assegura o cineasta-professor português:

O formador deve ter conhecimento do cinema; ele não tem só o recorte, recorte e recorte. Ele pode ter recorte, pintura animada, marionetes, desenho, objetos, pode ter até areia. E quanto mais o formador estiver preparado e tiver conhecimento dessas técnicas, saberá como fazê-las e como combiná-las porque pode ter pinturas e recortes e ter técnicas mistas. (José, cineasta-professor português)

O entrevistado ressalta a necessidade de o professor/a-formador/a que desenvolve as ações de produção de filmes com as crianças ser um ávido conhecedor do cinema; ser alguém desejoso de aprender sobre a linguagem e as técnicas cinematográficas para poder provocar nas crianças o desejo de produzir e viver a arte do cinema. Ele faz uma crítica à escola que nem sempre diversifica as formas artísticas nos cotidianos das atividades escolares, como observamos a seguir.

A escola tem pouca diversidade de técnicas, ou é o recortar... o desenhar é o que fazem muito e o pintar com lápis de cor ou canetas de filtro, pintam muito pouco com tinta, a parte da expressão também é algo de importante, pelo menos pra mim, é importante fazer sobressair o grafismo de cada um e nesse caso o formador é também um investigador. (José, cineasta-professor português).

José argumenta que o/a profissional que realiza as atividades de produção de filmes com as crianças é um/a formador/a e um/a investigador/a porque as atividades são desenvolvidas no processo e não só no ato de fazer o filme. Essa produção ocorre ao longo de um período de tempo que vai muito além da feitura do filme. Por esse motivo, denomina o/a formador/a de investigador/a, além de ser, segundo ele, um/a educador/a:

Você entra em uma sala de aula, às vezes com pouca disciplina, pode ser ou não... depende. E como é que se põe um grupo a pensar? Portanto, o formador também é, no fundo, um pedagogo. Eu tenho que pensar como dar a volta a isto, que exercícios eu vou lançar para pôr as pessoas a pensar, porque se você vai fazer um filme, fazer uma história, isso não é nada.

Não é assim, pelo menos pra mim, porque eu até posso informar para fazer um filme, mas o problema é pensar como é que vamos fazer. (José, cineasta-professor português).

O processo de produção do filme com as crianças, para José, constitui um processo educativo, ou seja, não é a realização de encontros esporádicos com pouco tempo determinado, com vistas a informar sobre como se faz um filme. Ressalta que não se trata de fazer um filme numa visão tecnicista, mas de pensar sobre o que fazer, de “*pôr as pessoas a pensar*” ao fazer o filme. Ele continua a dizer que pode informar as etapas de produção de um filme, mas tem por propósito a produção de pensamentos sobre o que fazer e por que fazer.

Nossa experiência de produção de filmes com as crianças também se coaduna com essa premissa, isto é, de não ir à escola e lá ensinar exclusivamente como fazer o filme. Ou seja, nossa preocupação não é somente com o fazer, mas com o pensar sobre o que fazer, promovendo questionamentos e problematizações sobre como determinadas temáticas podem ser contadas com imagens e sons, respondendo a questões básicas: Por que contarmos essa história? De que forma a podemos contar? Para que contá-la?

Além dos pressupostos filosóficos da produção dos filmes com as crianças, os pressupostos metodológicos desenvolvidos nas duas realidades - a brasileira e a portuguesa - são semelhantes na medida em que se priorizam a ludicidade e as estratégias pedagógicas, que são diversificadas, a depender dos interesses e da diversidade dos grupos de crianças:

E as estratégias, o formador pode ter muitas estratégias; é muito difícil termos as mesmas estratégias para grupos diferentes porque são pessoas diferentes, são realidades diferentes; não é assim que funciona. A coisa tem que ser pensada para aquele grupo, de maneira que o formador tem que ter a sensibilidade para perceber o grupo, ter experiência adquirida com o tempo, porque aquilo que eu fazia há anos eu já não faço, ainda vou aprendendo, tenho que aprender sentindo que a realidade é a parte humana, não é? As pessoas

também vão sendo diferentes. (José, cineasta-professor português).

As ações do projeto de fazer cinema com as crianças, segundo o entrevistado, obedecem a princípios pedagógicos que vão além do objetivo último de produzir filmes. Esse processo exige planejamento, que se pense cada etapa das ações educativas, destacando as diferentes realidades de crianças a partir da diversidade a depender de cada grupo trabalhado. Ao apontar essa característica do projeto realizado nas escolas com as crianças, podemos pensar que essas ações estejam integradas à formação mais ampla das crianças no espaço educativo. Às vezes, em nossa prática ao longo de mais de uma década de nosso projeto, nos damos conta de questionamentos de parte da comunidade escolar de que as ações desenvolvidas podem prejudicar o desenvolvimento das atividades pedagógicas e da construção do conhecimento das crianças. No entanto, o entrevistado ressalta a importância de conhecermos as crianças, de investigarmos a realidade da escola e da diversidade das crianças para instigarmos o desejo da produção da linguagem audiovisual que irá produzir formas de conhecer e de aprender. Com isso, as atividades dos projetos realizados nas escolas contribuem para a formação integral das crianças na medida em que as ações do projeto são inter-relacionadas com as planejadas e desenvolvidas pelos/as docentes e pelo currículo escolar. As atividades do projeto, no entanto, colaboram com a construção das aprendizagens das crianças na medida em que trabalham aspectos da oralidade, da construção de textos, da produção de pensamentos, dentre tantas questões individuais e coletivas que propiciam.

Ao fazer cinema com crianças na escola, são acionadas também a cooperação entre os/as membros/as, a dialogicidade, a coletividade, o cooperativismo e o sistema colaborativo - aspectos pouco aceitos e trabalhados na sociedade individualista em que vivemos e, por vezes, não instigados nas práticas escolares.

A menina Laura, na frase da epígrafe desse item, ressalta o trabalho coletivo ao afirmar que o “*filme é de todos/as*”. Na experiência portuguesa e na que desenvolvemos aqui no Brasil, não há hierarquias entre as crianças no processo de produção dos filmes. Não consideramos importante designar de quem é a direção do filme, quem é o/a roteirista, etc. Todas as crianças participam de forma igualitária na feitura do filme. As ideias são respeitadas e são construídas na coletividade, favorecendo que todas as crianças sejam protagonistas de todas as etapas da produção audiovisual.

Nós aqui temos abordado muitas coisas, muitas estratégias; nunca temos feito um formato para poder simplificar as coisas: seria um período para pensar, perceber o projeto que se está a fazer, depois a forma como se cria um guião que permite nos orientarmos para o trabalho que vamos desenvolver com a parte de planificação visual; esse guião nos permite descobrir quem é o personagem, os possíveis enquadramentos. O *storyboard* é um bocadinho isso, [...] levar para que o grupo pense como é que eu vejo, como eu defino o local, os personagens, a ação, depois a parte plástica e, por fim, a filmagem. (José, cineasta-professor português).

Observamos, na fala do entrevistado, que os processos de produção do filme se fazem no coletivo. Cada etapa é pensada pelo grupo de crianças para que elas possam entender o processo como um todo. Neste sentido, percebem-se os objetivos educativos ao produzir o audiovisual. As crianças constroem conhecimentos na medida em que o filme vai sendo produzido e com isso ampliam a sua visão sobre si, sobre as outras pessoas e sobre o mundo. Esse processo se dá ao destacar e distinguir metodologias ativas e lúdicas sem instigar a hierarquização numa equipe de filmagem. Nesse processo, o trabalho coletivo é instigado em cada momento. O respeito pelas ideias dissonantes e diferentes é realizado pelo diálogo e a interação coletivos. O mesmo se dá em todas as demais etapas da produção fílmica, até a sua finalização.

Filmes de animação com crianças: problematizações

“Eu aprendi que a gente precisa respeitar as outras pessoas e trabalhar em grupo, cuidar muito bem das coisas e aceitar a opinião das pessoas. [...] [professora] você me fez uma pessoa feliz.”

(Júlia, 5º A, 11 anos, turma de 2011)

Dois filmes de animação serão analisados neste último item do artigo. Já destaquei, anteriormente, o trabalho da construção do pensamento propiciado nas atividades do projeto no Brasil e em Portugal, bem como a importância da coletividade e da interação na produção do filme de animação. A aluna Júlia, a da epígrafe, destaca o trabalho em grupo e o respeito à diversidade de opinião das pessoas. Outro aspecto salientado é a felicidade proveniente das atividades do projeto para a feitura do audiovisual. Ouso dizer que ao longo de todos os anos de desenvolvimento do projeto, que ele produz transformações substantivas nas vidas das crianças e das pessoas adultas. A felicidade é uma das possibilidades que desenvolvemos em estar juntos/as, com propósitos comuns, na produção de histórias a serem contadas em imagens e sons por meio dos filmes.

Dois filmes foram selecionados por apresentarem temáticas análogas: os direitos humanos.

O filme “Os direitos das crianças³” (17min48s) foi realizado por crianças de várias instituições da cidade do Porto, Portugal; dentre elas, estudantes do 4º ano da Escola Básica, crianças e adolescentes do Centro de Bem-Estar Social e crianças participantes da Ludoteca de Cinema de Animação, com idades entre 9 e 12 anos. O filme foi produzido em 2014 e utiliza técnicas de *stop motion*, com recortes, objetos, *pixilation*⁴ e imagens reais.

O filme e outros podem ser vistos no canal do Clia Anilupa - <https://www.anilupa.pt/en/cinemateca/catalogo>

⁴ *Pixilation* é uma técnica de animação *stop-motion*, na qual atores/atrizes vivos são utilizados e captados, quadro a quadro (como fotos), criando uma sequência de animação.

O roteiro discorre sobre os direitos das crianças, que são narrados por elas. O que é explicado é que, em 1989, chefes de vários estados se reuniram na Organização das Nações Unidas para aprovar leis que protegessem crianças de todo o mundo, criando a Convenção dos Direitos das Crianças. Uma das primeiras falas que marcam o tom de todo o filme é: “*Todas as crianças têm direito a ser como são*”. Após isso, nas falas, se passa a destacar os principais direitos, como: liberdade, dentre elas a de expressão, a de professar as mais diversas religiões; o direito à proteção e ao carinho da família, à educação, ao de ter um nome próprio e, sobretudo, o direito aos tempos livres para brincar, se divertir, participar de jogos e atividades para a sua idade. O direito de brincar é recorrentemente reforçado como um direito muito importante na vida das crianças. Também se destaca que todos os governos dos países do mundo são responsáveis por fazer com que os direitos das crianças sejam cumpridos. Convocam-se todas pessoas a cuidar das crianças e a serem suas amigas. Por fim, volta-se a reforçar que todas as crianças têm os mesmos direitos, independentemente de sua cor, raça, sexo, língua ou deficiência física. Nas imagens, vemos cenas que demonstram horror perante situações de guerra que vulnerabilizam as crianças, infringindo seus direitos.

O filme brasileiro que produzimos em nosso projeto foi intitulado “Cantando os direitos das crianças⁵” (10min30seg), utilizou da técnica de *stop motion* com recortes. Foi produzido por crianças, estudantes de escola pública com idades entre 9 e 12 anos, do 5º ano do Ensino Fundamental na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. O filme foi produzido em 2016, no âmbito do projeto de extensão *Brincar de Fazer Cinema com Crianças*. Conta a história de duas duplas de meninas *raps* que cantam sobre os direitos das crianças no programa musical *Criança Canta Brasil*. Na medida em que cantam, as imagens da performance das cantoras são exibidas juntamente com outras imagens que interagem com as letras das músicas, como se fosse um *clip* musical. Os

⁵ O filme e outros podem ser vistos no canal do Youtube *Brincar de Fazer Cinema com crianças* - <https://www.youtube.com/watch?v=rG0Y4hHtmCM&t=527s>

principais direitos das crianças são narrados: direito à saúde; a ter um nome e uma nacionalidade; a uma alimentação saudável; a ter escola com qualidade e que seja acolhedora; a ter família que as proteja e cuide delas. O direito de brincar ganha ênfase nas imagens, reforçando a necessidade de que esse direito seja garantido. O disque 100⁶ é enfatizado como um canal importante de denúncias para apontar a infração dos direitos das crianças. Ao final do programa - em que as duas duplas de *raps* se apresentaram -, o jurado atribuiu notas às apresentações. O que ocorre é um empate entre elas. Daí dividirem as duplas o prêmio, que é um troféu de um delicioso chocolate.

Os dois filmes apresentam similaridades por tratarem da mesma temática. Ambos ressaltam os direitos fundamentais das crianças para lhes garantir uma vida digna. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o conceito adotado é o mais amplo, ao estabelecer que “direitos humanos são direitos inerentes a todos os seres humanos, independentemente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição” (ONU, 2019). Esse preceito da ONU é amplamente tratado nos dois filmes, na medida em que cada um dos direitos fundamentais das crianças é exemplificado. No filme português, também há cenas de violação dos direitos, especialmente com imagens sobre os horrores da guerra, e suas consequências na vida das crianças.

Os filmes propiciam o questionamento sobre a importância da garantia dos direitos das crianças, o que faz com que ele se constitua como um potente dispositivo pedagógico que visa a questionar, a problematizar e a ser um instrumento de educação em direitos humanos nas duas realidades - Brasil e Portugal. Discutir sobre essas temáticas nem sempre é fácil, pois envolvem muitos discursos que acabam por serem contrários à dignidade das crianças. Apesar de existirem documentos oficiais que legitimam seus direitos, sabemos

⁶ O Disque Direitos Humanos - Disque 100 - é um serviço de disseminação de informações sobre direitos de grupos vulneráveis e de denúncias de violações de direitos humanos. Qualquer pessoa pode fazer uma denúncia pelo serviço, que funciona diariamente, durante 24h, incluindo sábados, domingos e feriados. Retirado do site <https://www.gov.br/mdh/pt-br/acao-a-informacao/disque-100/disque-100> Acesso em: 27 mar. 2024.

que essa realidade nem sempre ocorre (vide os elevados números de violação dos direitos das crianças). No Brasil, vemos uma contradição entre legislações avançadas, como o Estatuto da Criança e do Adolescente e, ao mesmo tempo, a persistência de altos níveis de violência contra as crianças. Ainda é comum ouvirmos que as crianças não devem somente ter direitos, como também devem ter deveres; devem ser educadas com disciplina, às vezes até com o uso de violência física com o intuito de as “educar”. Essa contradição aparece no filme português, quando se ouve a narrativa de uma criança que diz: *“Não devemos maltratá-las, metê-las medo, matá-las ou castigá-las sem motivo”*. Percebemos aqui um elemento adultocêntrico, de uma educação recorrentemente utilizada para “educar” as crianças. Pergunto: castigá-la por algum motivo seria um ato educativo permitido? Recorrentemente, há discussões de parte da sociedade que reforçam a necessidade de castigos físicos de parte dos/as adultos/as para com as crianças. No Brasil, foi aprovada a lei com o nome informal da Lei da Palmada, a Lei 13.010/2014, que proíbe o uso de castigos físicos ou de tratamentos cruéis e degradantes contra crianças e adolescentes. Também conhecida por “Lei Menino Bernardo”, a Lei da Palmada define como castigo físico qualquer tipo de ação punitiva em que seja aplicado o uso da força física, resultando em sofrimento e lesão corporal. Pergunto: se houve necessidade de uma lei que proibisse a palmada ou qualquer outra violência física, é porque os índices de violência física eram muito altos no País por historicamente se admitir que pais/mães devem usar da força física e castigos físicos para educar sua prole? Importante destacar que, mesmo que a frase do filme português corrobore a ideia de que a palmada educa e que a criança poderá sofrer de algum tipo de violência caso haja algum motivo, essa ideia não invalida o filme; ao contrário, instiga a questionamentos entre as crianças e pessoas adultas para uma ampla discussão sobre legislações que assegurem os direitos das crianças.

Os filmes são poderosos artefatos pedagógicos para propiciar discussão, debates e possibilidades de múltiplos pensamentos sobre a temática, tão

importante e necessária para as próprias crianças. Os filmes analisados também são instrumentos de educação em direitos humanos. Candau *et al.* (2013) nos convidam a desenvolver alguns movimentos de educação em direitos humanos, que acredito imprescindíveis para desenvolver com as crianças e adolescentes nas instituições educativas e também para realizar nos projetos desenvolvidos. “Esses movimentos são: saber/conhecer os direitos, desenvolver uma autoestima positiva, promover a capacidade argumentativa e ser um(a) cidadão(ã) ativo(a) e participativo(a)” (Candau *et al.*, 2013, p. 41).

Para as autoras, o primeiro movimento da educação é saber e conhecer os direitos. Vejo a necessidade de se conhecer e saber os conceitos legais e nossos direitos para não ficarmos reféns de opiniões sem fundamentação. Esta é uma prerrogativa fundamental para se aplicar a crianças e adolescentes. Quando desenvolvemos momentos de discussão sobre direitos humanos nas escolas, muitas delas nem sequer sabem que são detentoras de direitos. Ora, se nem sequer sabem que têm direitos, como os poderão reivindicar?

O segundo movimento, para as autoras, é “desenvolver uma autoestima positiva”, que leve cada uma a se reconhecer como sujeito criador, ser social, histórico e comunicativo. A alteridade é fundamental nesse processo, porque alguém só se constrói como pessoa com outras pessoas não no egoísmo, mas na relação constante com essa outra pessoa. Não podemos ser felizes se há outras pessoas com seus direitos violados. Esta ideia de coletividade, solidariedade e convivência perpassa esse movimento que constitui o eu-outro/a.

Terceiro, a capacidade argumentativa. Na medida em que conheço meus direitos, vejo-me como ser social numa coletividade; consigo me comunicar e exigir meus direitos; uso a palavra e a capacidade argumentativa para isso.

O quarto, e último, é o da vivência da cidadania ativa e participativa, em vez de uma cidadania passiva. As crianças, na maioria das vezes, não se percebem como cidadãos de direitos. No processo de discussão da temática dos filmes trazemos leis, dentre elas o Estatuto da Criança e do/a Adolescente para conhecerem e não raro elas nem sequer sabiam que tinham tantos direitos. Aos

poucos entendem que seus direitos são importantes para a vivência da dignidade da vida.

Os movimentos que propiciam a educação em direitos humanos são abordados nas ações dos projetos de produção dos filmes, especialmente nas ações que produziram os filmes aqui analisados. As crianças, em sua maioria, desconhecem seus direitos, mas, aos poucos, vão percebendo também as várias infrações de seus direitos e de outras crianças, o que as leva a questionar o porquê disso e prospectam, a partir dos roteiros dos filmes, possibilidades de construção de novas realidades em que a dignidade seja o pilar de uma sociedade mais democrática e solidária para todas as pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei o artigo reforçando a potencialidade do cinema. Ao longo do artigo, fui estabelecendo argumentos para referendar essa premissa. A construção do pensamento e das múltiplas formas de pensar, a produção de ações que visem à coletividade, ao diálogo e ao lúdico foram as tônicas dos projetos realizados em Portugal e no Brasil.

Os filmes analisados, que têm por temática os direitos humanos de crianças, reforçam a ideia de que as crianças têm voz e que elas querem falar em alto e bom som sobre suas vidas, sobre diversas situações de vulnerabilidade de seus direitos. O processo de produção dos dois filmes contribuiu para efetivar a educação em direitos humanos das crianças na medida em que elas se reconheceram como sujeitos de direitos, aprenderam sobre preceitos legais e leis que as amparam; sentiram-se detentoras dos direitos para poderem reivindicá-los, valendo-se da linguagem cinematográfica e do cinema como arte. Quero, sobretudo, finalizar com as palavras das crianças que entremearam suas experiências com os conceitos trabalhados ao longo deste artigo: *“os pensamentos viraram arte”*; *“Mais legal mesmo foram as nossas risadas, nossas brincadeiras”*, *“[...] o filme é de todos”* e *[professora] você me fez uma pessoa feliz”*.

As crianças sintetizaram genialmente todas as ações dos projetos desenvolvidos de produção dos filmes com elas: produção de pensamentos; cinema como arte, trabalho coletivo e colaborativo e a felicidade de estarmos juntas pensando com elas, ouvindo-as, priorizando seus pontos de vistas e estando *com* elas numa relação de respeito, de entrega, visando à felicidade e à dignidade humana das crianças.

REFERÊNCIAS

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. 21^a. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRASIL. *Lei Menino Bernardo*, Lei 13.010/2014. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/lei-130...> Acesso em: 27 mar. 2024.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA), instituído pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/lei-806...> Acesso em: 27 mar. 2024.

CANDAU, Vera *et al.* *Educação em direitos humanos e formação de professores(as)*. São Paulo: Cortez, 2013.

DUARTE, Rosália. *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2 - O uso dos prazeres*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GALLO, Sílvio. *Metodologia de ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

ONU. *Convenção Internacional dos Direitos da Criança*, 1989. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca> Acesso em: 27 mar. 2024.

XAVIER, Ismail. Um cinema que “educa” é um cinema que (nos) faz pensar. *Revista Educação e Realidade*. v. 33, n. 1, jan./jun., 2008.

XAVIER, Tina. *Princesa Pantaneira: brincando no mundo mágico do cinema*. Ilustrações de Lorena Martins. Campo Grande: Ed: UFMS, 2014.

Recebido em: 29/03/2024

Aprovado em: 16/05/2024

Publicado em: 30/08/2024